



UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - UNIVATES
CURSO DE PEDAGOGIA

NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS: PEDAGOGIA NA CURES

Daiana Hansel

Lajeado, novembro de 2018

Daiana Hansel

NARRATIVAS E EXPERIÊNCIAS: PEDAGOGIA NA CURES

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, como parte da exigência para obtenção do grau de Pedagogia, licenciatura.

Orientadora: Prof. Dra. Fabiane Olegário

Lajeado, novembro de 2018

Aprendimentos

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer.

Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que não sabia de nada.

Não tinha as certezas científicas, mas que aprendera coisas di-menor com a natureza. Aprendeu que as folhas das árvores servem para nos ensinar a cair sem alardes. Disse que fosse ele caracol vegetado sobre pedras, ele iria gostar. Iria certamente aprender o idioma que as rãs falam com as águas e ia conversar com as rãs.

E gostasse mais de ensinar, e que a exuberância maior está nos insetos do que nas paisagens. Seu rosto tinha um lado de ave, por isso ele podia conhecer todos os pássaros do mundo pelo coração de seus cantos. Estudara nos livros demais, porém aprendia melhor no ver, no ouvir, no pegar, no provar e no cheirar.

Chegou por vezes de alcançar o sotaque das origens.

Se admirava de como um grilo sozinho, um só pequeno grilo, podia desmontar os silêncios de uma noite!

Eu vivi antigamente com Sócrates, Platão, Aristóteles — esse pessoal.

Eles falavam nas aulas: Quem se aproxima das origens se renova.

Píndaro falava pra mim que usava todos os fósseis linguísticos que achava para renovar sua poesia.

Os mestres pregavam que o fascínio poético vem das raízes da fala.

Sócrates falava que as expressões mais eróticas são donzelas. E que a Beleza se explica melhor por não haver razão nenhuma nela. O que mais eu sei sobre Sócrates é que ele viveu uma ascese de mosca.

(BARROS, 2008, p 129)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Fabiane Olegário, pela dedicação, por todas as provocações, contribuições, e também, pela paciência e empenho investidos em mim. Essa pesquisa é nossa!

A todos os professores que atravessaram, em algum momento a minha formação. Sejam os professores das escolas em que realizei práticas e estágios, colegas de profissão e também, professores da Univates com quem tive o prazer de construir imensuráveis aprendizagens.

Aos meus pais e meu irmão, sem vocês eu não estaria onde estou hoje, agradeço por sempre apoiar e incentivar muito todos os meus estudos, nunca julgando minhas ausências com o tempo investido nessa pesquisa e em toda minha formação. Aos meus avós, que mesmo sem dominar as teorias que aqui estudo, possuem grande mérito quando eu penso em experiências e narrativas. Ao Motta, que mesmo longe neste ano, me apoiou em todos os momentos difíceis e angustiantes. A Adriana, por tudo, desde a paciência até a moradia.

Às colegas de profissão participantes da pesquisa. A participação e o empenho de vocês que tornaram essa pesquisa possível.

Agradeço em especial à professora Cláudia Inês Horn que prontamente se disponibilizou a ler este trabalho e contribuiu muito com a pesquisa.

À professora Ana Paula Crizel que esteve junto comigo durante o semestre em que realizei estágio na CURES, problematizando, estudando e pensando as práticas.

A Univates, que de muitas formas proporcionou experiências incríveis, seja durante as aulas, palestras, pela CURES, pelo contato com tantas pessoas e tantas maneiras de problematizar as coisas.

RESUMO

O presente trabalho toma a experiência e a narrativa como conceitos principais da investigação, que tem como foco as práticas pedagógicas realizadas por acadêmicas do Curso de Pedagogia na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES). Movido pela seguinte problemática: Que narrativas são possíveis a partir das experiências das acadêmicas do Curso de Pedagogia, na CURES? Essa pesquisa tem como objetivo a criação de narrativas a partir das experiências das alunas do curso de Pedagogia que realizaram as práticas pedagógicas na CURES. Posta a questão, o estudo tem como aporte teórico Walter Benjamin (1993) e Jorge Larrosa (2014), para pensar a experiência e a narrativa. Com Michel Foucault (2010) é possível pensar a ficção, no que se refere a criação de narrativas. Para atingir o objetivo, como método, a pesquisa opera com o grupo focal, realizados em três momentos, com um pequeno grupo de estudantes de Pedagogia, que passaram pela experiência em comum, que foi a prática na CURES. As narrativas apresentadas nesta pesquisa mostram que o trabalho em equipe favorece muitas aprendizagens para as estudantes de Pedagogia, participantes deste estudo, assim como a interdisciplinaridade. Neste sentido, o planejamento é um fator muito importante para realização dos atendimentos aos usuários do serviço, pois através do planejamento é possível organizar os encontros, objetivando um melhor atendimento possível. Além disso, a pesquisa mostrou, através do Grupo Focal, que o Curso de Pedagogia tem muito a contribuir para a CURES, assim como os estagiários do curso, tem muito a aprender com as práticas no local.

Palavras-chave: Experiência. Narrativa. Ficção. CURES. Pedagogia.

SUMÁRIO

1 CAMINHOS PERCORRIDOS	6
2 EXPERIÊNCIA: TREMORES DE UMA VIDA	12
3. NARRATIVA: QUANDO A EXPERIÊNCIA GANHA FORMAS	17
4. GRUPO FOCAL COMO POSSIBILIDADE DE CRIAÇÃO DE NARRATIVAS	23
4.1 Grupo focal	23
4.2 Recriar narrativas	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	51

1 CAMINHOS PERCORRIDOS

[...] o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos (LARROSA, 2014, p. 22).

A escolha de um tema para iniciar este trabalho não foi fácil. Por muitas vezes, me pegava pensando “O que quero estudar e pesquisar?”, e, nesses momentos, surgiam muitas ideias, porém todas muito inconsistentes ou vazias. Finalmente, no segundo semestre de 2017, resolvi realizar estágio na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES), que fica situada na Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Ao final do estágio, após um semestre letivo, já estava pensando no Trabalho de Conclusão de Curso, então, decidi estudar sobre as experiências vivenciadas por algumas alunas do curso de Pedagogia na CURES. Sendo assim, definiu-se como problema de pesquisa a seguinte questão: Que narrativas são possíveis a partir das experiências das acadêmicas do Curso de Pedagogia, na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES)?

O curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates possibilita ao estudante planejar e executar práticas pedagógicas em diferentes espaços, tanto escolares, quanto não escolares. O curso, em concordância com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o curso de Pedagogia, promove aos estudantes o “planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares” (BRASIL, Art. 4º, inciso II do Parecer

CNE/CP nº 3/2006). Além disso, como disposto no Art. 5º da mesma Resolução, os egressos do curso de Pedagogia devem estar aptos a:

- IV: trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;
[...]
- XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento; (BRASIL, Parecer CNE/CP nº 3/2006).

Sendo assim, em consonância ao que estipulam as DCNs, o curso de Pedagogia da Univates oferece a possibilidade de realização de práticas pedagógicas em diferentes espaços. Dentre os espaços oferecidos, há a possibilidade de realizar práticas pedagógicas na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES).

A CURES é um “serviço-escola interprofissional”, em que estudantes dos cursos da área da saúde e da educação, supervisionados por docentes, realizam atendimentos a pessoas referenciadas pela rede de saúde ou escolas da região. Pessoas de todas as faixas etárias podem ser referenciadas através dos municípios conveniados para atendimentos na CURES. Ou seja, os serviços da rede¹ podem encaminhar pessoas para atendimentos, por alguma dificuldade ou necessidade que apresentam. Podem ser dificuldades de aprendizagem, compulsões, problemas em sua vida pessoal, enfim, há múltiplos motivos que podem levar os usuários a frequentarem esse espaço.

A criação deste serviço-escola, que é a CURES, foi inicialmente voltada aos cursos da Área da Saúde existentes na Univates. A sua inauguração aconteceu em 2011 e desde sua implementação, a proposta da CURES é de promover a formação de profissionais, que sejam capazes de abranger a construção de saberes, bem como o trabalho interdisciplinar e multiprofissional, de acordo com as diretrizes constitucionais do Sistema Único de Saúde (SUS) (SALDANHA, 2014).

¹ Ao longo da pesquisa, por diversas vezes, me refiro ao termo rede. Esse termo rede se relaciona a toda rede de serviços de atenção à saúde, que estão interligados e tem como objetivo o atendimento e o cuidado das pessoas. A CURES, é parte dessa rede, e com isso, temos contato com os outros serviços. Nesta clínica-escola, os serviços que mais tínhamos contato com relação aos nossos usuários, eram o CREAS, o CAPS, o Conselho Tutelar e as ESFs, porém, esses não são os únicos serviços presentes nesta rede. Além disso, as escolas se tornam parte dessa rede no momento em que fazem os encaminhamentos para atendimentos dos seus alunos que necessitam de um cuidado mais específico, seja na CURES, no CAPS, ou para outro serviço.

Na CURES são realizados diferentes tipos de atendimentos às pessoas referenciadas. Há atendimentos individuais e interdisciplinares, escolhidos de acordo com cada caso específico. Os atendimentos interdisciplinares são realizados por dois ou três estagiários de diferentes cursos. Os cursos que estão presentes no espaço e atendimentos da CURES, atualmente, são: Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Educação Física – Bacharelado, Farmácia, Medicina, Odontologia e Pedagogia, sempre orientados por professores supervisores. Também há o Espaço Conviver, que funciona como uma sala de espera diferenciada, em que estagiários realizam intervenções em grupo, visando à promoção da saúde e ao cuidado de si, para quem transita por este espaço. Além disso, os estagiários na CURES “desenvolvem atendimentos individuais, atividades com grupos e oficinas, além do apoio matricial, apoio institucional e discussão de redes, entre outras práticas demandadas pelas equipes e municípios conveniados ou pelos usuários” (SALDANHA, 2014, p. 1055).

Por meio de práticas ou estágios curriculares, um dos objetivos da CURES é oportunizar “vivências baseadas na interdisciplinaridade, no trabalho em equipe, na observação de normas éticas e nos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS)” (UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI - CURES, texto digital). Os atendimentos a usuários/pacientes são realizados de forma multiprofissional, com o objetivo de atender os sujeitos de modo integral. Nesse sentido, os atendimentos objetivam conhecer, interagir e ouvir, propondo um olhar ao sujeito para além do diagnóstico, trabalhando questões de educação e atenção, de acordo com as necessidades individuais do usuário.

A lógica de atuação dos profissionais estagiários e supervisores atuantes na CURES, leva como eixo central de ação, a ideia de integralidade dos sujeitos, como explica Saldanha:

A integralidade supõe a inclusão das pessoas numa rede assistencial onde o foco das ações em saúde passa a ser o usuário, e não a fragmentação do cuidado pelo tratamento focal das doenças, numa lógica de horizontalização dos saberes (SALDANHA, 2014, p. 1055).

Desta forma, a aproximação entre diferentes saberes e campos de estudos, pode fortalecer o atendimento e tratamento do usuário que frequenta o espaço.

O Curso de Pedagogia da Univates oferece a possibilidade de realização de três Práticas Pedagógicas na CURES, simultaneamente, totalizando a carga horária

de 120 horas². Durante as práticas realizadas há a aproximação com ações de pesquisa, ensino e extensão, assim como a integração do curso de Pedagogia, que é o único curso da área da educação inserido na CURES.

Nesse sentido, optei pela realização das práticas neste espaço, pela necessidade de vivenciar outras possibilidades de atuação do pedagogo, para além do espaço escolar e dos movimentos escolarizados. Os espaços não escolares são aqueles em que a educação acontece fora dos muros da escola. Gohn (2006, p. 28) afirma que partilhar “experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianos” visam o desenvolvimento social, emocional, cognitivo, ético e intelectual.

Após a realização do estágio na CURES, percebi que muito do que eu experienciei nesse ambiente produziu mudanças em mim, as quais possibilitaram repensar tanto minhas práticas profissionais, quanto pessoais. Porém, em certo momento questioneimei-me a respeito do que essa narrativa significa para mim, se é mesmo uma narrativa minha ou é de outros estudantes? Percebi que é muito comum ouvir entre as alunas do curso, que realizaram seus estágios neste mesmo local, a mesma narrativa: as práticas desenvolvidas na CURES modificaram suas vidas, pois as fizeram entrar em contato com situações que divergem muito de seus cotidianos, que as levaram a pensar sobre questões familiares, tais como, abuso infantil e violência doméstica.

Além disso, destacam a importância de conhecer o trabalho em rede com diversos profissionais, unindo saúde e educação. É possível então, que talvez essa narrativa, de tanto ser repetida e ouvida, tornou-se uma verdade e um discurso pronto. Ao mesmo tempo em que esse discurso aparenta, em um primeiro momento, ser muito profundo, parece-me que de certa forma não diz muito, pois é repetitivo e superficial em significados pessoais.

Pensando um pouco mais, a partir das minhas experiências na CURES, pude refletir sobre alguns fatos do cotidiano, como a forma com que tratamos as pessoas, sobre o cuidado de si e do outro, entre outras questões. Essas experiências me possibilitaram perceber as pessoas como sujeitos integrais, não somente como alunos

² Dentre as 120 horas de estágio na CURES, podem ser realizadas as seguintes práticas: Prática Pedagógica em Anos Iniciais I (60h); Prática Pedagógica em Espaços Não Escolares (30h); Prática pedagógica em Gestão Educacional (30h); Prática Pedagógica em Formação de Professores (30h); além disso, podem ser realizados Estágios Voluntários na CURES, que podem ser aproveitados também como Horas Complementares.

ou pacientes (ou usuário, como o paciente é nomeado na CURES). Também foi possível problematizar certezas e verdades, tanto a respeito dos diagnósticos médicos e escolares como também sobre os discursos prontos em relação a alguns usuários.

Ainda, pude refletir que podemos contribuir de uma maneira melhor na vida de alguém quando se oferece atenção de forma integral para a pessoa. Ademais, há todo um sistema de saúde e educação que os profissionais trabalham em rede e estão dispostos a oferecer diferentes tipos de atendimentos, levando em conta a rotina, a família, os amigos, as relações, os desejos ou medos de quem procura o atendimento.

Dessa forma, a primeira exigência para os estagiários que realizam práticas na CURES, diante de inúmeras e complexas questões, é priorizar o cuidado com o usuário por meio de uma escuta sensível. Logo, a atenção ao usuário possibilita pensar, da melhor forma possível, os planejamentos, as práticas e os atendimentos aos pacientes/usuários.

O que foi exposto trata de aspectos muitos particulares que, de alguma maneira, contribuíram para a escolha do tema desta investigação, porque trazem percepções pessoais com relação às minhas experiências na CURES. Acredito que as outras alunas que realizaram suas práticas neste mesmo local, também tenham vivenciado experiências que marcaram sua trajetória.

Como muitas das narrativas que são reproduzidas com a realização do estágio neste espaço, seguem uma lógica semelhante e por muitas vezes, já se tornaram verdades prontas. Assim, gostaria de perceber por meio desta pesquisa, outras narrativas possíveis a partir das experiências na CURES.

Portanto, nessa perspectiva a pesquisa foi dividida em seções para pensar a experiência, a narrativa, a ficção e os encontros do grupo focal. Na segunda seção desta pesquisa, apresento um estudo teórico acerca do conceito de experiência, utilizando-me dos estudos de Benjamin (1993) e Larrosa (2014). Ao longo da terceira seção, denominada “Narrativa: quando a experiência ganha formas” são abordados aspectos sobre as narrativas, principalmente a partir das ideias de Benjamin (1987, 1993) e Larrosa (2014). Após, a quarta seção da pesquisa, intitulada “Grupo focal como possibilidade de criação de narrativas”, tem como objetivo inicialmente explicar sobre o grupo focal, método utilizado para a pesquisa.

As principais autoras que embasaram o estudo sobre grupo focal são Barbour (2009) e Trad (2009). Logo em seguida, na sub-seção 4.2, é abordada de forma mais

aprofundada a ideia da narrativa a partir da criação, pensando juntamente nesse aspecto a ficção e recriação de narrativas. Além disso, nessa sub-seção são apresentadas as narrativas de alunas do curso de Pedagogia da Univates que realizaram estágio na CURES, participantes da pesquisa e também, as narrativas criadas por mim, a partir das narrativas das estudantes, enquanto pesquisadora e aluna que também realizou o mesmo estágio que as outras estudantes. Por fim, apresento minhas considerações finais sobre esta pesquisa, que partem inicialmente da criação de novas narrativas, concluindo este trabalho.

2 EXPERIÊNCIA: TREMORES DE UMA VIDA³

Falar sobre a experiência é falar mais sobre possibilidades do que fatos concretos acerca de seus significados. É pensar a partir do que ela não é, e assim poder construir sentidos ainda por vir. Podemos dizer, com Larrosa (2014, p.10), que a “experiência não é uma realidade, não é uma coisa, um fato, não é fácil de definir nem de identificar, não pode ser objetivada, não pode ser produzida”.

Se a experiência não é uma coisa e muito menos um fato, poderíamos dizer que ela é “um algo” que produz mudanças em nós. Para Benjamin (1993, p. 107), “onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo”. Dessa forma, temos pistas sobre a experiência. Podemos pensar inicialmente na ideia de algo que foi vivenciado e que levou a algum sentimento, que mudou algo no sujeito, e que de um modo ou de outro, causou transformações e produziu memórias.

A experiência não é somente algo que foi vivido. Vivemos tantas coisas ao mesmo tempo, que nem as percebemos mais. Ao contrário, a experiência está relacionada ao que foi sentido, “algo que nos faz sofrer ou gozar” (LARROSA, 2014, p. 10). Não é possível fazer acontecer uma experiência, ela simplesmente acontece. Sofre-se uma experiência. O termo experiência, para Larrosa (2014) e Benjamin (1993), é desvinculado da ideia de experimento. Podemos pensar nela para além da noção de experimentar para provar ou comprovar algo. Pelo contrário, nessa pesquisa, pensemos na experiência mais aproximada a um sentir.

³ O título desta seção faz referência explícita a obra *Tremores* de Jorge Larrosa (2014), que contribuiu sobremaneira para o desenvolvimento deste trabalho.

E é nesse ponto que gostaríamos de chegar. Há várias noções ou concepções para se pensar na ideia de experiência. Uma delas, que já foi abordado no início desta seção e será retomado mais adiante, e outra noção, que remete ao termo experiência a habilidade ou competência, que se adquire com o passar do tempo na realização de uma atividade ou profissão, por exemplo. Além disso, também usamos a palavra experiência com um sentido relacionado ao termo experimento. Nesta acepção, a experiência é vista como algo que pode ser estudado, testado e comprovado cientificamente. Vivemos em uma sociedade que espera comprovação científica para acreditar e somente assim, aceitamos como verdadeiros os fatos ou ideias, portanto, a experiência, assim compreendida, é sinônima de experimento, conhecimento, ciência ou perícia.

Nesta pesquisa, no entanto, pretende-se pensar na experiência desprendida das noções de informação, conhecimento e aprendizagem, ou seja, neste trabalho pretende-se fugir da noção de quantificação, isto é: “Como se o conhecimento se desse sob a forma de informação, e como se aprender não fosse outra coisa que não adquirir e processar informação” (LARROSA, 2014, p. 19).

E assim, retomamos a noção de experiência abordada nesta pesquisa, que é aprofundada por Larrosa (2014) e Benjamin (1993). Ambos os autores referem que na Modernidade houve um enfraquecimento da experiência, pois muitas das transformações que aconteceram e ainda acontecem na sociedade referem-se às tecnologias da informação, impossibilitando as experiências. Larrosa (2014) cita mais especificamente quatro motivos principais, que de certa forma, levam a essa atual pobreza de experiências: excesso de informação, de opinião, de trabalho e também a falta de tempo.

Nesse sentido, mesmo que cada vez mais informados, com mais aprendizagens e conhecimentos, estamos com o corpo tão esgotado, que as experiências não nos acontecem. Podemos pensar, além disso, que também “há pobreza de experiência justamente porque o homem já não se coloca como sujeito dessa experiência, mas apenas no sentido de produzi-la, de fazê-la, de adquiri-la, possuí-la como um bem que se conta e guarda” (BENJAMIN, 2012a, apud ZANOTELLI, 2018, p. 26).

Com isso, podemos pensar em conceitos abordados por Larrosa (2014), onde ele explica noções de dois saberes, o *saber das coisas* e o *saber da experiência*.

Neste sentido, o *saber das coisas* é o mais comum em nossas vidas, é adquirido com as aprendizagens no trabalho, nos estudos, leituras de revistas, jornais, internet e entre outras vivências cotidianas, em que podemos sempre dizer que sabemos mais do que sabíamos antes (LARROSA, 2014). Porém, o saber da experiência é produzido no íntimo de cada sujeito e tem certa relação com a elaboração de um sentido para o que nos acontece, porque o sujeito da experiência é aquele que passou por alguma situação e que sofreu afetações e transformações.

Larrosa (2014), ao mencionar Heidegger (1987), usa o termo “fazer uma experiência” no que se refere à ideia de sofrer e aceitar uma experiência, ou mesmo de deixar-se submeter e ser transformado pela experiência. Sendo assim, as experiências podem acontecer em nós, quando deixamos que algo nos afete. E, para que algo nos afete, precisamos estar abertos à experiência. E estar aberto à experiência significa possuir momentos em que não se está diretamente no controle do tudo, de todas as informações e saberes. Assim, para Larrosa (2014), as experiências podem acontecer se tivermos tempo e espaço para que elas aconteçam e mais, termos a disponibilidade para o diferente e o inesperado que a experiência exige. Desta forma,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2014, p. 25).

Estamos constantemente imersos em tarefas, obrigações de trabalho ou educação, de forma que estamos nos preocupando tanto com esses afazeres, que passamos pelos momentos sem senti-los, deixando as experiências passarem. Não podemos fazer (no sentido de fabricar) uma experiência, mas ela pode se fazer em nós e para isso, é preciso estar aberto a ela. Mas como se abrir à experiência se estamos sempre tão cheios de obrigações, de informações, de afazeres e de prazos a cumprir?

A experiência acontece na medida em que estamos abertos, aptos a recebê-la, expostos ao que vem e que pode nos acontecer com a experiência. Também é preciso pensar, que a experiência pode não acontecer para mais pessoas ao mesmo

tempo. Cada pessoa percebe, sente e responde de uma forma ao que acontece ao seu redor, na sua vida. Nesse sentido, a experiência é ligada à elaboração de um sentido que damos para o que passamos. Assim,

[...] o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência (LARROSA, 2014, p. 32).

Desta forma, a experiência não é algo possível de ser separada do indivíduo-sujeito. Ela é diretamente ligada a nossas vivências, sentimentos e memórias. Logo, é possível dizer que ela não acontece porque queremos e quando queremos, ou seja, não depende unicamente de um querer nosso. Por outro lado, podemos querer que algum momento ou fato do dia se torne uma experiência, porém, pode ser que não tenha causado nada conosco em termos de experiência, nenhum efeito, a não ser uma simples vivência. Ou pelo contrário, há a possibilidade de que cause muito mais do que se esperava, possibilitando transformações, memórias e experiências.

É o estar aberto, atento, disponível e sensível, que vai levar à experiência. Estar aberto à experiência, para Larrosa (2014, p. 75), é possuir “um espaço para o pensamento, para a linguagem, para a sensibilidade e para a ação (e sobretudo para a paixão)”. Ela só acontece com alguém, porque esse alguém a vivenciou e a sentiu de alguma forma. Porque esse alguém quis senti-la, portanto, é singular, “vinculada ao nosso corpo, a nossas paixões, a nossos amores e a nossos ódios” (LARROSA, 2014, p. 39). Cada pessoa toma para si a experiência de uma forma, sente-a de uma maneira única, intransferível, ou seja, para outra pessoa a mesma vivência pode ter sido apenas uma situação qualquer.

Mais do que apenas desejar ter experiências, elas ocorrem a partir de como vivenciamos situações cotidianas, da atenção que damos aos fatos e ao significado que causam em cada um de nós. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (LARROSA, 2014, p. 18).

Será que conseguimos lembrar alguma experiência que nos aconteceu? Um momento ao qual seja possível dar um sentido maior do que simplesmente um momento vivido? Algo que mudou alguma coisa em nós mesmos e em nossas percepções? Será que conseguimos pensar nisso? Talvez, para pensarmos as

experiências, podemos pensar na ideia de narrativa. E sendo assim, uma experiência pode ser relatada, narrada? Somos capazes de fazer a experiência transcender o tempo cronos? Transformá-la em palavras? Trazer significado real a essas palavras? Qual o sentido de compartilhar experiências?

Entre as perguntas que surgem ao longo deste pensar sobre a experiência, também surgem dúvidas quanto à possibilidade de criação de experiências. Será que podemos pensar na narrativa enquanto ficção? A experiência vivida torna-se uma ficção quando narrada em outro espaço e tempo? Para pensar nesse aspecto podemos refletir através do que afirmou Foucault (2010, apud FISCHER, 2016, p. 11) “Uma experiência é sempre uma ficção”, e nesse sentido, é sempre algo que foi fabricado dentro de si mesmo e para si mesmo, pelo imaginário. E no momento em que é fabricado, abstraído, se torna ficção e se vincula a realidade existente. Experiência, de acordo com Foucault não tem a ver com a ideia de verdadeiro ou falso, de fato, está mais para “algo que não existe antes e que poderá existir depois” (FOUCAULT, 2010, apud FISCHER, 2016, p. 11).

Desta forma, a ficção faz parte da realidade assim como a realidade é parte da ficção, tornando essas duas ideias indissociáveis. Logo, “uma ficção, no entanto, não é necessariamente alheia à verdade. É possível que a ficção induza efeitos de verdade, tanto quanto é possível para um discurso de verdade fabricar, ou ficcionalizar, algo” (FOUCAULT, 1980 apud LEARY, 2012, p. 889).

Além disso, conforme Leary (2012, p. 890) “Ficcionalizar é fabricar, produzir, trazer à existência”. Desta maneira, a narrativa, pode ser compreendida como uma experiência do pensamento: uma experiência que também é constituída por ficções. Logo, as ficções fazem parte do que é imaginado, expresso e articulado pelos seres humanos. Em outras palavras, as narrativas são sempre fabuladas a partir das experiências e criações individuais.

3. NARRATIVA: QUANDO A EXPERIÊNCIA GANHA FORMAS

Após as experiências, há a possibilidade de transformá-las em narrativas. E para que elas se tornem narrativas, é preciso que aquele que tenha experienciado consiga transformar em palavras o que sentiu. Ao mesmo tempo em que é impossível transferir uma experiência através das narrativas, seja de forma escrita ou oral, há possibilidade de compartilhamento (através do ato de narrar) para as outras pessoas. Assim, as narrativas são um emaranhado de memórias, sentimentos, sensações e ficções, transformadas em palavras. A linguagem e a memória tornam possível narrar experiências.

Tornar um momento, os sentimentos e os pensamentos que se passaram em narrativa é uma forma de compartilhar as experiências. Para isso, é preciso pensar, elaborar, transformar as experiências em palavras. “E, se as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências” (LARROSA, 2014, p. 50).

Uma experiência, dessa maneira, pode ser algo que faz pensar, refletir, tencionar, meditar, buscar palavras, algo que leva a uma tentativa de encontrar a possibilidade de fala. E quando há o encontro com as palavras, mesmo que emaranhadas e desordenadas, se dá forma à experiência e atribui-se sentido a ela. Assim, pode-se transformar a experiência em narrativa. E quando transforma uma experiência em narrativa, o narrador, de certa forma, molda a sua fala de maneira artesanal, deixando seus aspectos pessoais impressos, isto é, “assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1987, p. 205).

A narrativa se constitui como o relato de um momento, sem início, meio ou fim. Ou, talvez, possamos dizer que a narrativa seja o meio. Narrar é contar detalhadamente um fato. A “narrativa é uma possibilidade de experiência em que os saberes são transmitidos não como uma moral, mas como faíscas de vida” (BENJAMIN, 2012, apud ZANOTELLI, 2018, p. 22). Também não há explicação em narrativa. A narrativa é o que é. E por não ter explicações, que é possível criar com e a partir dela. Nesse sentido é “tomar a experiência como um fluxo contínuo – narrá-la, ouvi-la, expor-se ao que vem” (ZANOTELLI, 2018, p. 22). De outro modo, é possível dizer que a arte de fazer narrativas está em falar de maneira que não seja tudo dito de forma a dar sentidos e explicações, possibilitando ao ouvinte a autonomia de interpretar da forma que desejar. De acordo com Benjamin (1987, p. 204), essa possibilidade está no fato de que a narrativa “não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

Benjamin (1987), desenvolve teorizações que partem da ideia de que a narrativa é realizada há muitos anos, antes mesmo do surgimento do romance e tem muito a ver com os contos de fadas⁴. Ainda, o mesmo autor (1987) diz que as narrativas são a maneira de transmitir experiências e ensinamentos às outras pessoas, sejam elas transmitidas de forma benevolente ou mesmo com essência ameaçadora.

Não há, nesse sentido uma única forma de se realizarem narrativas, elas podem ser curtas e diretas, ou mesmo, histórias longas e cheias de detalhes, porém, o que as une, é o objetivo de compartilhar experiências (BENJAMIN, 1987).

Com isso, a aproximação às experiências de outras pessoas é possível através das narrativas. As narrativas são representações das experiências e do sentido que estas tomaram para o narrador. O que temos é a possibilidade de pensar a partir das narrativas e criar sentido próprio. As narrativas tornam possível uma aproximação com as experiências de outras pessoas e podem, talvez, proporcionar outras experiências aos ouvintes, ou até mesmo, ressignificar as suas próprias experiências.

⁴ Os contos de fadas foram os primeiros conselheiros da humanidade e são, até hoje, os primeiros conselheiros das crianças (BENJAMIN, 1987). Desta forma, o conto de fadas é uma forma de narrativa que ainda sobrevive nos dias atuais e que apresenta aspectos fundamentais da narrativa, que vão em consonância ao que é explicado nesta seção do trabalho. Além disso, apresentam características fantasiosas e fantásticas, unindo ficção e realidade.

A narrativa é diferente da informação que hoje atravessa nossas vidas, a partir dos jornais, rádio, televisão e internet. Pode-se dizer que a narrativa e a informação são opostas (BENJAMIN, 1993). A noção de informação se expande e cada vez mais toma conta das nossas vidas. Temos cada vez mais necessidade de saber, de adquirir conhecimentos e informações. Enquanto as informações são transmitidas em ritmos acelerados, com mais dados no menor tempo possível, de forma cada vez mais concisa e isolada umas das outras, as narrativas fazem o oposto. Assim como expõe Benjamin sobre a narração:

[...] é uma das mais antigas formas de comunicação. Esta não tem a pretensão de transmitir um acontecimento, pura e simplesmente (como a informação o faz); integra-o à vida do narrador, para passá-lo aos ouvintes como experiência. Nela, ficam impressas as marcas do narrador (BENJAMIN, 1993, p. 107).

Na narrativa, não há pressa, necessidade de estabelecer um final óbvio ou, menos ainda, um sentido único e restrito, como acontece com a informação. Enquanto a informação é impessoal e direta, a narrativa é contrária, porque ela é pessoal e subjetiva. Benjamin (1987, p. 203), menciona que na narrativa o leitor ou ouvinte é “[...] livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”.

Na medida em que estamos expostos à narrativa, estamos abertos, mais uma vez, a novas experiências. Há então, a possibilidade de roubar as narrativas do narrador e transformá-las, de forma que possamos reformulá-las e fazer delas nossas experiências. “Como sujeitos, queremos tomar a vida como nossa, tentando inventá-la, ao menos nos devaneios da varanda, sentindo que somos nós a conduzi-la” (ZANOTELLI, 2018, p. 24). Por isso, o uso do termo “roubar narrativas”, pois as pegamos para nós, do nosso jeito, sem pedir. Tomamos elas para nós, como forma de nos constituir.

Uma experiência sozinha, sem ser narrada, é um momento na vida de uma pessoa. Um momento importante talvez, porém, uma experiência ao ser narrada tem a possibilidade de se tornar muito mais, podendo tomar vida, transcendendo um sujeito e passando a ser parte de vários. Se juntar a outras experiências, construindo novas narrativas.

Se, para Larrosa (2014), o sujeito aberto às experiências é aquele que se “expõe” e não aquele que se impõe, propõe ou mesmo se opõe, então, da mesma forma,

é preciso estar “ex-posto” para as narrativas de experiências. Estar aberto ao que é dito pelo outro. Estar atento, deliciar-se e sentir as narrativas, assim como se deve sentir o que nos passa na vida, para que as experiências venham até nós. Por isso, criar narrativas é uma forma de compartilhar a experiência aos outros. Tornar a narrativa como forma de devaneio, de pensar e refletir sobre o que se passou e que causou transformação. Tentativas de narrativas são possíveis, parecem difíceis e inacessíveis em um primeiro momento, porém não são impossíveis. Nessa medida, podemos criar narrativa com algo vivido, com os *insights* da vida e com as experiências que nos transformaram.

Porém, mesmo com a correria do cotidiano, com a pressa e a superficialidade que, por muitas vezes, toma conta dos momentos que vivemos, ainda há experiências. Embora tenhamos a sensação de tudo continuar sempre igual, a vida passa rapidamente aos nossos olhos e o que se sente é uma sensação de vazio. Mas sentir esse vazio também é uma experiência. Há hoje, de fato, um decréscimo das experiências e narrativas, que Benjamin (1994) e Larrosa (2014) explicam ser, de alguma forma, decorrentes de um período pós-guerras e também da modernidade.

Benjamin (1994, p. 198), diz que há certa decadência de narradores porque “as ações da experiência estão em baixa, e tudo indica que continuarão caindo até que seu valor desapareça de todo”. E isso ocorre pois, após a primeira guerra mundial, as pessoas estavam mudas de narrativas e sem experiências possíveis de serem expressadas (BENJAMIN, 1994). Pensando a partir disso, é possível entender que aos poucos, os narradores foram se perdendo, deixando de narrar, principalmente, após experiências impossíveis de serem narradas.

Além disso, Larrosa (2014) fala da nossa dificuldade de narrarmos experiências em virtude das muitas mudanças que foram ocorrendo nas sociedades até o momento atual, a modernidade. Momento este, em que acreditamos que precisamos produzir cada vez mais, em todas as esferas da vida. Além disso, queremos estar sempre informados sobre tudo o que acontece a nossa volta, o que, por sua vez, acaba diminuindo as possibilidades de termos experiência (LARROSA, 2014). E é a esse vazio que me refiro, ou seja, à sensação de não viver situações que nos fazem tremer e sentir profundamente. Entretanto, essa sensação de vazio, pode ser também uma experiência, porque de um modo ou de outro, produz algo em nós.

Se pensarmos na criação de narrativas, poderíamos preencher vazios, criar a vida ou reinventá-la. Mas a criação de narrativas como um fim (ou início), a partir da “ressignificação da própria experiência no seu fazer do cotidiano, na relação entre o eu e o outro, nos acontecimentos que nos deixam marcas de experiências vividas e não apenas vivências sem experiências” (ROSA et al., 2011, p. 202). A narrativa de experiência, assim como a própria experiência, é singular e subjetiva. Ela é narrada de uma forma pessoal, por um sujeito que interpreta e reconta os fatos de uma forma, que “ex-põe” da sua forma de percepção, assim como quem escuta o relato, o transforma, o integra ao seu ser, e as suas próprias experiências. “Só é possível considerar-se um narrador aquele que experimenta e que, com sua própria vida, cria a partir dos seus contágios” (ZANOTELLI, 2018, p. 44).

São as narrativas que dão forma e corpo às experiências e, também, são a forma de transmiti-las para outras pessoas, para que elas possam também ter a possibilidade de experienciá-las. A narrativa de experiência acontece apenas pelo fato de narrar algo, em que há uma escuta de outrem, para que haja a possibilidade de ser absorvida e experimentada por outro corpo. Embora não haja uma certeza de que a narrativa produza experiência em outros sujeitos, esta é uma possibilidade. É desta forma, portanto, que desejamos pensar nas experiências e narrativas das alunas no grupo focal, como possibilidade de criação de novas experiências e narrativas.

Falar de narrativa como ficcional é afirmarmos que a ficção se mistura com o vivido, tornando-se indissociáveis. De acordo com Castro (2008), ficção e realidade existem juntas, de forma que há uma interdependência desses conceitos. Nesse sentido, não é possível afirmar que existe apenas realidade ou apenas ficção, sendo que as duas ideias se transpassam. Castro (2008, p. 109), arrisca-se a dizer que “realidade e ficção não são opostos, mas são diferentes, interdependentes, complementares e principalmente intercambiáveis”.

Sendo assim, é possível dizermos que as narrativas podem ser uma forma de dar voz as experiências. Entram em questão muitos aspectos subjetivos e o imaginário torna possível essa ligação entre realidade e ficção, constituindo assim, as experiências e as narrativas. “[...] o que realiza a relação entre ficção e realidade é o imaginário através de atos de fingir que transgridem os limites de uma e outra e do próprio imaginário” (ISER, 1996 apud Castro 2008, p. 109). Deste modo, as ficções enquanto parte das narrativas tornam possível recriar a partir do que é narrado. Assim,

é viável o exercício de recriar narrativas por meio das experiências contadas por outros sujeitos. Em concordância com essa perspectiva, essa pesquisa possui como objetivo a recriação de narrativas, a partir das experiências narradas por colegas do curso de Pedagogia que realizaram práticas pedagógicas na CURES⁵.

⁵ A criação de narrativas será abordada de forma mais aprofundada na sub-seção 4.2 desta pesquisa.

4. GRUPO FOCAL COMO POSSIBILIDADE DE CRIAÇÃO DE NARRATIVAS

4.1 Grupo focal

A escolha de um método de pesquisa não é fácil e nem tarefa trivial. Dessa forma, buscando um método que possibilite a narração de experiência dos sujeitos envolvidos na pesquisa, optou-se pelo Grupo Focal. O grupo focal teve crescente ampliação de seus usos, principalmente, em pesquisa do campo das ciências sociais e também da área da saúde. Esse método de pesquisa, de acordo com Trad (2009), tem se mostrado de grande utilidade em investigações que visam mostrar as perspectivas e percepções de diversos sujeitos. Trad (2009), baseado no conceito de Kitzinger (2000), define que o grupo focal é um tipo de pesquisa semelhante à realização de entrevistas em grupo, de forma que o entrevistador conduz uma conversa ou debate em torno de certo ponto principal, com objetivo de comunicação e interação. Porém, diferentemente das entrevistas de grupo, o grupo focal não é realizado com o intuito de se fazer perguntas para que o grupo responda em consenso, pelo contrário, são lançadas perguntas ou ideias para que o grupo discuta, converse.

O uso mais comum desse tipo de pesquisa, de acordo com Trad (2009, p. 780), está relacionado à obtenção de “informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços”. Nesse sentido, esse método apresenta uma gama de possibilidades de uso, assim como é de fácil acesso para variados tipos de pesquisa.

A diferença da pesquisa que se utiliza de um método para colher elementos com uso de entrevistas e do grupo focal, está, de forma bem ampla, no fato de que na primeira são utilizadas perguntas e respostas individuais, e na segunda se vale das interações para a construção da pesquisa. Portanto, a escolha deste método deu-se pelo fato de que os grupos focais “não somente permitem análises de declarações e relatos sobre experiências e eventos, mas também do contexto interacional em que essas declarações e esses relatos são produzidos” (BARBOUR, 2009, p. 17). Dessa forma, a partir de um tema inicial, tópico ou perguntas lançadas pelo pesquisador, o grupo interage e a partir das discussões, a pesquisa é realizada. O pesquisador, quando se utiliza do grupo focal, assume a posição de moderador ou facilitador de discussão, diferentemente de um entrevistador que lança perguntas diretas esperando respostas objetivas. Assim, com o uso do grupo focal, pretende-se capturar as narrativas das pedagogas participantes da pesquisa, as quais poderão ser convergentes ou também divergentes.

Este método de pesquisa “permite fazer aflorar as diversas dimensões e visões de diferentes indivíduos a respeito de um tema previamente definido dentro de um grupo” (GOMES, 2005, p. 279). É pensando nessa possibilidade de compartilhamento em grupo, muito mais no que nos resultados finais, que se deu a escolha por este método. Para o mesmo autor (2005), o Grupo Focal é muito mais importante na construção dos caminhos a serem seguidos do que diretamente a coleta de dados, qualitativos ou quantitativos. Esta pesquisa, nesse sentido, teve como foco, o acesso às experiências e narrativas a partir do seu contexto natural e com as suas particularidades pessoais.

Para os dois autores, Gomes (2005) e Barbour (2009), é fundamental para a realização do grupo focal o momento da definição de quem serão os participantes. Primeiramente, para Gomes (2005), é preciso que os envolvidos no grupo focal, tenham passado por uma experiência em comum, pois:

A atenção do grupo focal deve fixar-se nas experiências subjetivas das pessoas participantes. Nesse sentido, é fundamental para o desenho original da entrevista de grupo focal que todos os participantes tenham experimentado situação semelhante, concreta. (GOMES, 2005, p. 280)

A seleção do grupo que participou desta pesquisa aconteceu de forma que todos no grupo tenham vivido uma situação semelhante. Inicialmente foram convidadas 8 alunas para os encontros do grupo focal. A intenção, para os encontros,

era reunir um grupo bem variado, algumas alunas com a licenciatura em Pedagogia em andamento e outras diplomadas, tendo como requisito o fato de terem realizado Práticas Pedagógicas na CURES, durante sua trajetória acadêmica.

A definição de um grupo de oito participantes⁶ é desafiadora o bastante e pode suscitar um número bem grande de análises, pois

os requisitos do pesquisador de identificar vozes individuais, buscar clarificação e explorações a mais sobre quaisquer diferenças nas perspectivas fazem grupos maiores, se não impossíveis, e excessivamente demandantes para moderar e analisar (BARBOUR, 2009, p. 89).

A escolha por um grupo feminino foi necessária, uma vez que, desde a implantação do estágio de Pedagogia na CURES, apenas estudantes mulheres realizaram práticas no local. Nesse sentido, se escolheu uma média de oito participantes, pensando ser um número ideal de alunas para cada encontro. Apesar disso, diferentemente do que havia sido planejado, o grupo participante dos encontros foi bem menor que o esperado e os encontros foram realizados mesmo com poucas participantes. E, o que não quer dizer que esses encontros com pouca participação tenham sido “fracos”, pelo contrário, houveram narrativas muito importantes e relatos muito potentes em todos os encontros.

Durante a realização dos encontros do grupo focal, foram utilizados instrumentos de gravação das reflexões do grupo, para análise posterior com melhor qualidade, e também foram realizadas anotações no decorrer dos encontros. A gravação de áudio possibilitou uma melhor análise, pois permitiu o acesso às narrativas completas, e não apenas às impressões anotadas pelo pesquisador. De acordo com Gomes (2005, p. 279), uma das finalidades da realização de uma pesquisa com grupo focal é conseguir “extrair das atitudes e respostas dos participantes do grupo sentimentos, opiniões e reações que resultariam em um novo

⁶ É importante destacar que foram convidadas previamente 8 alunas para participar, e desde o mês de agosto iniciou-se o contato. E, ao ponto de que algumas iriam confirmando a participação, outras rejeitaram o convite (cada uma com seus motivos pessoais). Nesse sentido, no momento em que algumas informavam que não participariam, passou-se a convidar outras alunas. Por fim, de onze alunas convidadas, compareceram ao primeiro encontro três alunas, no segundo e terceiro encontro, compareceram duas convidadas. Este fato, inicialmente desanimou bastante, contudo, durante os encontros foi percebido o quanto de possibilidades e discussões esses pequenos grupos desencadearam. E mesmo, com relação ao tempo, no primeiro encontro fomos percebendo que o tempo ultrapassou os 45 minutos pensados inicialmente para o encontro, porém, como as alunas participantes da pesquisa continuaram narrando suas experiências e continuamos envolvidas, combinamos que ficaríamos um pouco mais de tempo juntas.

conhecimento”. Nesse sentido, as gravações contribuíram para proporcionar o acesso as narrativas completas das participantes.

Para a realização do Grupo Focal, Barbour (2009) atenta para a importância na escolha do local da realização do encontro. O local deve ser neutro para a pesquisa, ou seja, é necessário que seja acessível, sem ruídos ou interrupções exteriores, organizado em uma mesa redonda ou cadeiras em formato circular. Além disso, deve ser um ambiente acolhedor, que propicie as discussões e no qual o pesquisador atue como moderador, estimulando a conversa e discussões de ideias.

O local escolhido para a realização do primeiro encontro foi a Cafeteria do Teatro, localizada no Centro Cultural da Universidade do Vale do Taquari – Univates. A escolha deste local para a realização do primeiro encontro aconteceu, pois é um local tranquilo, com ambiente acolhedor e ao mesmo tempo informal. Além disso, a definição das datas dos encontros foi realizada em conjunto com as convidadas, e acabou se escolhendo as quintas-feiras⁷ à noite. O segundo encontro foi realizado em uma sala de aula do Prédio 7, pois foi definido juntamente com as participantes que seria melhor para elas porque seria um local mais próximo para poderem participar. E, por fim, o terceiro encontro voltou a ser realizado na Cafeteria do Teatro.

Gomes (2005) ressalta que a realização de encontros de Grupo Focal, em detrimento da entrevista ou de outros métodos de pesquisa, estimula os participantes a expressarem suas ideias, uma vez que estão em um grupo de iguais, de forma que os mesmos estimulam uns aos outros a falarem, dando mais segurança a cada membro do grupo. Isso foi possível perceber em todos os encontros realizados, visto que, às vezes, as participantes lembravam-se de situações que ocorreram e de experiências vivenciadas, a partir do que alguma outra estava falando, situações que, talvez, não seriam lembradas caso fossem feitas apenas entrevistas individuais. Para exemplificar um pouco mais essa questão, é possível destacar o primeiro encontro que teve uma duração para além da programada, pois a conversa fluiu e as experiências foram sendo narradas com pouca interferência ou perguntas minhas. O que era justamente a intenção do momento: um espaço para trocas de experiências

⁷ Os dias definidos para os encontros de acordo com a disponibilidade da pesquisadora e com a disponibilidade das convidadas foram nas quintas-feiras pela noite, no horário das 19h às 20h. As datas escolhidas foram: 13 de setembro, 27 de setembro e 4 de outubro de 2018. A escolha pelos dias e horários aconteceu em conversa por e-mail com as alunas convidadas a participar da pesquisa.

e que aconteceu de forma bem interessante, mesmo com a participação de apenas três alunas.

Outro fator importante para a realização do grupo focal é o tempo destinado para cada encontro e também o número total de encontros. Para esta pesquisa, foram realizados três encontros, com a duração média de 45 minutos cada um. Durante a realização dos três encontros de grupo focal, foram realizadas questões iniciais com o intuito de abrir a discussão e, a partir das questões, aconteceu à partilha de narrativas. As perguntas criadas para todos os encontros são como um pequeno roteiro, porém não deveriam obrigatoriamente ser seguidas em sua totalidade, podendo ser adaptadas ao momento do encontro. Essas perguntas têm como objetivo apenas ser um caminho possível de ser seguido, porém adaptáveis e suscetíveis ao momento. Para cada encontro, foi pensado um tema geral, que envolvesse as práticas e as vivências na CURES. Os temas definidos para cada encontro foram os seguintes:

- Primeiro encontro: atuação do pedagogo em um espaço não-escolar;
- Segundo encontro: interdisciplinaridade e o trabalho em equipe na CURES;
- Terceiro encontro: CURES e as experiências para a vida.

Desta forma o primeiro encontro foi realizado como planejado. Seguindo a temática prevista, acerca da atuação do pedagogo em um espaço não-escolar, foram pensadas algumas perguntas para iniciar: Como vocês percebem a atuação do pedagogo nesse espaço? A atuação é necessária? Como ela é vista pelas outras áreas? O que vocês sentiram ou perceberam ao atuarem em um espaço não escolar? Quais experiências que saíram do habitual e causaram, de algum modo, mudanças em vocês? Pensando a partir dos atendimentos, como foram as experiências? E, também, como foram as experiências pensando a partir dos momentos em equipe e de planejamentos? Essas questões todas, de alguma forma se cruzam e se ligam, o que foi confirmado ao longo do primeiro encontro. Foi possível conversar e perceber narrativas que se referem a muito do que pretendia ser abordado, porém o encontro foi sendo realizado conforme o que foi narrado pelas alunas participantes, sem a necessidade de intervenções constantes ou perguntas a todo momento.

Para iniciar o momento, explicou-se de forma breve sobre a pesquisa e em seguida, foram realizadas as três primeiras perguntas elencadas acima. Com essas perguntas, se iniciaram diversas discussões e, por fim, não foi necessário realizar diretamente as outras questões pensadas. As conversas foram se encaminhando e ao longo de 1h20min, foram sendo narradas diversas experiências e situações, com relação ao tema central do encontro.

As três alunas participantes deste encontro estão, no momento da realização desta pesquisa, todas com a licenciatura de Pedagogia em curso. Cada uma delas realizou o estágio na CURES em um semestre diferente. A convidada Miriam⁸ realizou na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde, no segundo semestre de 2016, as práticas de Anos Iniciais I (60h), Formação de Professores (30h) e Gestão Educacional (30h). Já a convidada Joana optou por realizar as seguintes práticas no primeiro semestre de 2017: Prática Pedagógica em Gestão Educacional (30h), em Espaços Não Escolares (30h) e, também, em Anos Iniciais I (60h). E por fim, a convidada Camila, no primeiro semestre de 2018 realizou suas práticas de Gestão Educacional (30h), e Espaços Não Escolares (30h), além disso aproveitou 60h como Estágio Voluntário.

Para o segundo encontro, foram levadas algumas informações sobre a CURES no que se refere à interdisciplinaridade e o trabalho em equipe para introduzir este tema de modo a retomar alguns conceitos chaves da atuação neste espaço. Depois disso, foram lançadas questões para observar quais são as experiências das alunas sobre o trabalho em equipe e a interdisciplinaridade, a partir das suas práticas na CURES. As perguntas foram: Como foram as experiências de vocês com relação ao trabalho em equipe? Podem narrar experiências, sobre momentos interdisciplinares na CURES?

Com relação as participantes convidadas, foi retomado novamente o convite para as outras colegas que participaram do primeiro encontro, assim como para as alunas que não puderam comparecer. Assim, como anteriormente ao primeiro encontro, as convidadas foram dando retorno comunicando da impossibilidade de participar do encontro, portanto, duas alunas puderam comparecer ao encontro. As duas alunas que compareceram desta vez, são as mesmas que participaram do primeiro encontro, Miriam e Joana. Esta situação, de certa forma, desmotivou e

⁸ Todos os nomes de alunas participantes, aqui apresentados, são fictícios.

entristeceu, pois entramos em contato com tantas alunas, explicamos da importância da participação e da pesquisa, porém, infelizmente elas não participaram. Desta forma, valorizando as duas pessoas que confirmaram presença e se disponibilizaram a participar, o encontro ocorreu como combinado.

O segundo encontro do grupo focal teve duração de 45 minutos, como combinado inicialmente. Realizamos o encontro na Sala da Pedagogia, localizada no prédio 7 da Univates. A escolha desse espaço se deu, pois, sua localização facilitaria o deslocamento das participantes, que após o encontro teriam aula em uma sala próxima ao local. As perguntas pensadas para o encontro foram sendo realizadas aos poucos para as alunas participantes, de forma que cada uma ia narrando suas lembranças aos poucos, a medida que iriam relembando.

O terceiro encontro aconteceu a partir do tema: experiências para a vida. O desejo era de poder perceber narrativas a partir das experiências que marcaram para a vida, já que há todo um discurso pronto com essa ideia, como explicado no início deste trabalho. As perguntas inicialmente pensadas para o momento foram: Houveram experiências marcantes na CURES? Vocês conseguem narrar experiências que marcaram sua vida? De que forma essas experiências transformaram seus pensamentos ou suas práticas?

Assim como os outros encontros, a participação também foi mínima nesse dia, contando com duas alunas. Porém, as alunas participantes foram outras, que não haviam participado dos encontros anteriores. As participantes que compareceram nesta noite foram Talia e Emília. Talia cursou alguns semestres de Pedagogia presencial na Univates, porém atualmente cursa o EAD do curso, na mesma Universidade. Ela aproveitou o estágio na CURES, em 2017/B, para realizar as práticas de: Prática Pedagógica em Anos Iniciais I (60h), em Formação de Professores (30h) e também em Espaços Não Escolares (30h). Emília já se formou no curso de Pedagogia pela Univates, porém, no semestre de 2015 realizou na CURES a Prática Pedagógica em Anos Iniciais II (30h) e o restante de horas das práticas no espaço, utilizou para Horas Complementares (90h). Ao longo deste encontro o grupo percebeu algumas mudanças entre o semestre que a participante Emília (realizou na CURES suas práticas no primeiro semestre em que a Pedagogia se inseriu nesse espaço) e o semestre que a participante Talia realizou (2017/B e que foi o mesmo semestre que a pesquisadora realizou suas práticas pedagógicas). As mudanças a que são referidas,

vão desde a gestão e organização do espaço da CURES e também com relação aos atendimentos e a organização do local, até mesmo o Espaço Conviver, que foi criado e aprimorado ao longo dos anos.

Barbour (2009) atenta para a importância do pesquisador nas pesquisas qualitativas em que se utiliza de grupos focais. O pesquisador é parte constituinte do grupo focal e suas experiências também estão presentes na construção do trabalho. Assim, como a pesquisadora realizou o mesmo estágio na CURES, ela também contribuiu com suas experiências e narrativas. Nesse sentido, as narrativas podem se constituir como forma de tecer ideias, ressignificando a própria experiência a partir das relações com o outro (ZANOTELLI, 2018). Assim, as narrativas podem fazer o ouvinte analisá-las e assimilá-las de acordo com as suas próprias experiências, o que pode suscitar diferentes estados emocionais, como também pode levar a diferentes possibilidades de interpretação:

Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (MUYLAERT et al, 2014, p. 194).

As narrativas possibilitam múltiplos olhares, podendo criar, para cada ouvinte, uma ideia. A narrativa é realizada sem a explicação de fatos e também não é possível a comprovação de sua veracidade, nesse sentido, não pode ser julgada como verdadeira ou falsa. Para a pessoa que está narrando, suas narrativas são verdadeiras, pois fazem parte de sua vida e de suas experiências. De acordo com os mesmos autores, as narrativas expressam a verdade de um determinado ponto de vista, a partir do que já foi experienciado anteriormente pelo narrador, de acordo com sua perspectiva a partir de seu contexto (MUYLAERT et al, 2014).

4.2 Recriar narrativas

Assim como já foi inicialmente abordado em seção anterior deste trabalho, as narrativas são criadas pelo imaginário de cada sujeito. São criadas novas experiências, e principalmente, novas narrativas a partir da união de situações vivenciadas e ficções que são fabuladas a partir do imaginário de cada um. Deste

modo, há uma intensa relação entre a ficção e a realidade, de forma a “trazer à tona aquilo que não existe e transformar aquilo que existe” (LEARY, 2012, p. 889). Além disso, a narrativa, ao unir ficção e realidade proporciona recriações, pois traz a viabilidade de fazer uma ligação “entre aquilo que é e aquilo que pode ser” (LEARY, 2012, p. 889).

Ao iniciar a realização deste trabalho, foi presumido que as Práticas Pedagógicas realizadas na CURES poderiam causar alguns sentimentos. Além disso, que seria possível retomar lembranças de experiências e fatos possíveis de serem narrados pelas outras mulheres do curso de Pedagogia, que realizaram suas práticas neste espaço.

Desta forma, para a realização deste estudo, partiu-se do preceito que as experiências narradas por parte das alunas participantes fossem uma forma de produzir outras narrativas. As narrativas produzidas podem ser realizadas a partir das experiências – da pesquisadora ou de narrativas de terceiros – ou também podem ser manipuladas e criadas. A narração possibilita o compartilhamento de experiências. Nesse sentido, após a realização dos encontros do Grupo Focal, com o estudo das discussões e narrativas realizadas pelas participantes, partiu-se para a criação de outras narrativas, unindo as narrativas e experiências da pesquisadora com as narrativas das participantes.

Para que as narrativas sejam possíveis de serem criadas é preciso que sejamos narradores e, também, abertos às experiências. Além disso, aberto a todas as possibilidades que podem decorrer dos momentos de compartilhamento de experiências. E para que isso aconteça, é preciso de narradores. Sejam as narradoras pesquisadas ou no caso, a própria pesquisadora, que após a análise, se apresenta como narradora também. Desta forma, como destaca Zanotelli (2018, p. 44), só é possível se tornar um narrador aquele que “experimenta e que, com sua própria vida, cria a partir dos seus contágios”.

A criação de novas narrativas é possível, pois ao entrar em contato com diferentes experiências e narrativas, toma-se para si diferentes aspectos. Aspectos esses que são aquilo que interessa para o pensamento. E o que importa ao pensar, é exatamente o que, de alguma forma o afeta. Deste modo, o imaginário toma para si aspectos e particularidades para torná-las parte de seu próprio pensar, como indica Castro (2008, p. 111) “o imaginário é a instância onde se projetam, criam e também

se forjam realidades”. É, nesse ponto que o imaginário faz suas articulações, entre o sentido, o imaginado, o vivenciado, o experimentado e o pensado (CASTRO, 2008). E o produto de todas estas articulações é a ficção.

Durante os encontros realizados para a pesquisa, surgiram diversas narrativas realizadas pelas alunas. Trazendo um pouco sobre como foi a sensação de estar iniciando uma prática de estágio em um ambiente que foge daquele que as estudantes de Pedagogia estão habituadas (a sala de aula) e, sobretudo, com estudantes de diversos outros cursos. E geralmente sendo a Pedagogia minoria neste espaço, causa um estranhamento, assim como percebido através da narrativa de todas as participantes, dentre elas Camila: *“Eu vejo assim, foi estranho, mas também foi muito bom. Eu não me senti acolhida num primeiro momento dentro do espaço, porque a visão, primeiramente, foi que eu estaria ali para educar”*⁹. E, mais tarde, sua narrativa se aprofundou em mais detalhes, sobre o que ela experienciou, viu e ouviu:

Que bom que temos uma pedagoga no nosso caso, pois ela vai estudar por que ele [o usuário] tem dificuldades e vai dar trabalhinhos para ajudar ele para compreender essas coisas. Então, foi bem difícil tirar essa carapuça. Porque no momento em que eles viram que o pedagogo tem um olhar muito mais sensível e humanizado, eles começaram a pensar no pedagogo diferente ali dentro da CURES. E foi uma batalha assim, muito, mas muito difícil, porque mais ou menos, em dois meses, eles viravam a cara para nós, eles não gostavam que a gente participava dos grupos e se a gente falava, eles já faziam caretas (CAMILA).

Primeiramente, é preciso compreender que *“os grupos”* que a participante Camila se refere, correspondem às reuniões realizadas entre os estagiários e os supervisores na CURES. São elas: reuniões de equipe de cada usuário (paciente) da CURES; reuniões de turno, que eram realizadas ao final de cada turno de estágio na CURES, com os estagiários do período e supervisores para conversar sobre o que ocorreu naquele turno e assuntos pertinentes ao momento; e por fim há também os encontros nas sextas-feiras, que é de participação obrigatória de todos os estagiários da CURES com todos os supervisores.

Nesse sentido, o que é narrado pela participante Camila, com relação a ideia que os cursos da área da Saúde têm da Pedagogia dentro da CURES, foram apoiadas pelas alunas Miriam e Joana, no momento da fala. É possível perceber, com isso, que

⁹ Todas as narrativas destacadas, das alunas do Curso de Pedagogia participantes da pesquisa foram transcritas na íntegra, sem a interferência da pesquisadora.

nos mais variados semestres, efetuou-se uma certa luta por ter um espaço para falar e discutir nesses momentos em grupos, pela valorização do profissional pedagogo, para além daquela pessoa que vai estar na CURES para “ensinar o usuário a ler e a escrever”.

Com a entrada da Pedagogia nesse espaço, os outros cursos aprenderam a perceber e ouvir as estagiárias da Pedagogia. Mas, ao mesmo tempo, para uma aluna da Pedagogia participante, era questão dela própria se aceitar, se manifestar e se evidenciar enquanto estudante deste curso:

É eu também passei por isso e eu tinha muita vergonha de me expor na frente do grande grupo. Eu tinha dificuldade e a supervisora daquela época cobrava muito: 'você têm que participar, você têm que fazer questionamentos'..., mas para mim, isso era muito difícil, porque eu achava assim, eu sou só a pedagogia aqui dentro... Eu mesma me desmerecia! Entende? Eu tenho consciência disso, que eu mesmo não acreditava no meu potencial e no potencial do nosso curso e [...] quanto ao trabalho interdisciplinar, nas equipes que eu tive contato, eu tive muita dificuldade porque eu já fui encaminhada também para casos [de usuários] que tinham alguma questão escolar envolvida. Eles já fazem esse encaminhamento parece que proposital, né? [...] (JOANA).

Percebo, mesmo em sala de aula e também nos encontros dessa pesquisa, que muitos estudantes de Pedagogia, problematizam muito o que outras pessoas de fora (outros cursos e profissões) dizem a respeito de nossa formação. O que é importante, pois precisamos defender e assumir a nossa formação. Mas, mesmo que muitos façam isso, revelem a importância dessa formação, e lutam pela valorização da profissão, há ainda muito a ser dito. Primeiro, é preciso deixar os estigmas e os dogmas de lado, assumir que fazemos Pedagogia porque é uma profissão indispensável. Fazemos Pedagogia por muito mais do que gostar de criança, cada um com seus motivos e sua importância.

Precisamos nos aceitar enquanto pedagogas (estagiárias ou formadas) e nos impor. Impor em um sentido de se mostrar, expressar, dizer e mostrar o quanto sabemos, porque sabemos muito sobre nossa profissão. Se não soubéssemos, não estaríamos nos formando e atuando nessa área. E a CURES, nesse sentido, tem muito a nos ensinar. A Pedagogia é a única licenciatura na CURES atualmente e, por ser a única, temos impressão de que precisamos nos

adaptar a esse espaço que é quase totalizante da área da saúde. Mas não é bem assim, na verdade, temos uma contribuição enquanto Pedagogia nesse espaço. Vamos para a clínica-escola para levar um olhar pedagógico, um olhar lúdico, e uma perspectiva mais humanizadora, em um sentido de pensar no sujeito e em todas as suas possibilidades. Porém esse olhar pedagógico não quer dizer que vamos alfabetizar todos nossos usuários. Pelo contrário, pensar em atendimentos mais lúdicos, com propósitos diferenciados do que apenas uma conversar formal em uma sala, um olhar diferente do olhar de pessoas da saúde, ideias e estudos diferentes, pensando no sujeito em si, não somente em seus laudos e receituários¹⁰.

E pensando em outro aspecto da Pedagogia na CURES, entra em questão a ideia de planejamentos dos atendimentos realizados. Esse é um tema que gera muitas discussões e há muito a ser dito a esse respeito, pelas estagiárias da Pedagogia na CURES.

Aí é que tá! Cheguei a me arrepiar, tu chegou na parte que eu queria chegar: planejamento. O planejamento é uma coisa que vem sendo motivo de brigas a muito tempo lá dentro das CURES e na época que eu estava lá dentro [...], eu briguei muito sobre planejamento com os integrantes da minha equipe porque eles não acreditavam em planejamento. E eu não via o atendimento sem planejamento [...] (JOANA).

Eu tive muito problema na minha equipe principalmente [...] porque eu encontrava muita dificuldade em colocar o que eu via como necessário e aí entra a questão nesse planejamento que nós, a única licenciatura na CURES e o único curso que tem que fazer o planejamento. E bom, a gente defende planejamento como algo importante e eles, dos outros cursos, não viam isso como importante. Aí que eu via que não ocorria o trabalho em equipe, porque a gente poderia ser uma equipe, pegar juntos, o que tem de bom no planejamento e pegar o que tem de bom no jeito que eles pensavam em como proceder naquele momento, e com isso, juntar e fazer disso uma coisa boa... Só que não, como não tinha trabalho em equipe não acontecia, aí a tarefa ficava normalmente para uma pessoa, que no caso era eu, planejar, já que era obrigatório apenas para mim (JOANA).

Muitos usuários estavam ali a anos, sendo tratados pelos mesmos cursos, e passavam semestres e vinham outros estagiários, e outros, e outros [...], e estavam ali e não se descobria os problemas, não se saía do lugar, não evoluíam, porque eles não tinham uma ficha de acompanhamento com

¹⁰ Apresento, a partir daqui as narrativas criadas por mim, através do que as participantes narraram sobre a CURES, assim como minhas próprias experiências. As narrativas ficcionalizadas por mim, serão apresentadas em forma de destaque, dentro de uma caixa de texto, para uma melhor organização textual.

seguimento e, principalmente, um planejamento para os atendimentos (CAMILA).

E no final do nosso semestre, após muitas discussões, a nossa vitória, foi de que todos os supervisores vão exigir planejamento dos estagiários deles. Eles vão ter que entregar, nem que é um caderno de anotação, com objetivo antecipado e não chegar na hora, e ver apenas surgir algo da demanda do usuário. Era essa a expressão que eu mais escutava 'o que o usuário demandar'. Isso não é totalmente errado, tudo bem, ele pode demandar, mas no atendimento, tu tens que trazer subsídios para o usuário te dar respostas e indícios para o próximo atendimento (CAMILA).

E aí sempre foi muito debatida a questão do planejamento lá dentro, alguns outros estagiários de outros cursos não acreditam que precisa haver planejamento lá, para os atendimentos. Mas foi muito legal que, uma das últimas reuniões que tivemos, geral com todos os estagiários e cursos, e o Coordenador Geral da CURES, na época, falou da importância do planejamento. E aí, eu, da pedagogia na CURES, me senti melhor lá dentro. Porque antes, todo mundo desprezava isso e desvalorizava a importância que dávamos para o planejamento (TALIA).

Eu tive uma professora orientadora que me falou o seguinte: nunca fala com eles, na CURES, de planejamento com esse termo, fala que vocês precisam juntos elaborar estratégias de capturar ideias para pensar os atendimentos futuros (CAMILA).

Planejamento: tomado por tantos discursos, necessário ou desnecessário? Há muitos discursos sobre ele, tantas dificuldades, será que o errado é apenas o uso do termo planejamento? Será que temos que trocar a nomenclatura de planejamento por organização, falar que vamos agora organizar o atendimento do usuário? Porque, pelo visto, o problema é com relação a palavra, porque muitos fazem planejamentos, às vezes, não no papel com o título planejamento, mas organizam em um bloquinho, suas ideias, reservam as salas e os materiais necessários, se preparam para o atendimento. E isso não é errado, está acontecendo planejamento. O problema é quando nem essa organização não é feita. Chegar simplesmente e ver o que o usuário quer fazer nesse dia, ou apenas sentar ao redor de uma mesa e simplesmente conversar sobre a vida, pode nem sempre dar certo, e aí? Se há planejamento há também uma segunda opção caso não dê certo o pensado, mas e se não há planejamento, como proceder?

Como visto, houveram situações problemas geradas pelo planejamento, uma atividade avaliativa do curso de Pedagogia e não obrigatória pelos cursos da área da Saúde. E aí, muitas discussões entre estagiários, envolvendo até mesmo os supervisores locais da CURES. E nós, futuras pedagogas buscamos estratégias para

falar sobre planejamento com os integrantes da equipe, e com isso, levar a sua importância para dentro da CURES. Acredito que em cada semestre de estágios, há sempre uma evolução nesse aspecto, sendo que se iniciam os semestres com muitas situações problemáticas, e ao longo do semestre, as próprias equipes vão percebendo o planejamento como algo importante (porém, é algo que não se pode generalizar, foram percepções a partir do que foi narrado pelas acadêmicas). Pensando nisso, entra em questão o que foi narrado pela acadêmica Camila em relação a importância da Pedagogia no espaço da CURES e que podemos pensar no olhar ao usuário em sua totalidade, enquanto ser humano, desconstruindo rótulos e padrões pré-definidos, isto é, tendo um olhar humanizado. Nesse sentido, também, as estagiárias destacam a importância dos momentos em grupos, das discussões e reuniões, pois as fizeram perder um pouco a timidez e o medo de se expor, o que é muito importante para os futuros professores.

Nós aprendemos tanto, estudamos semestres e mais semestres, para no momento dos estágios e das práticas como educadoras, termos argumentos e conhecimentos para defender o que acreditamos. Estamos sempre aprendendo e esses estudos nos ajudam a sair dos achismos. Porém, acreditar no que estamos dizendo, é de crucial importância na nossa vida e para a nossa profissão. Estudar antes de simplesmente achar algo, nos torna capazes de saber (o saber sempre pode ser problematizado, reformulado, claro!), mas defender o que sabemos, torna-se potente em nossa formação acadêmica.

E com isso, as acadêmicas que participaram dessa pesquisa, tinham muito a dizer:

E, após a CURES eu percebo que mudei muito como pessoa porque até em sala de aula eu era mais quieta, mais na minha, eu não dava minha opinião por medo de estar errada, e nisso o estágio contribuiu para mim. Até a professora supervisora acadêmica¹¹ do nosso curso no momento do meu estágio e uma colega falam muito disso. Dizem que a CURES modifica as pessoas em si, em seu jeito de ser e as colegas também observaram isso (CAMILA).

¹¹ Assim como não serão nomeadas as pessoas participantes da pesquisa, os nomes citados durante as narrativas, também não serão identificados. Nesse caso o nome da professora foi substituído por sua função no período e o nome da aluna, colega, também foi substituído.

E, até assim, quando eu comecei no curso, eu era tímida ao extremo, e assim, me encolhia no meu lugar e torcia para o professor não me chamar. Hoje eu mudei muito e a CURES teve um papel muito grande nisso. Porque eu via que outros estagiários falavam tanta coisa errada da aprendizagem, do desenvolvimento, que aquilo ia corroendo por dentro. E eu disse para mim mesma que eu precisava falar, eu não podia deixar assim. Até que eu levantei a mão e disse “não, só um momento...”. E daquele momento em diante, que eu falei, que eu perdi aquele medo inicial, porque eu não posso deixar de lado algo que eu estou estudando a quatro anos e meio. Não posso chegar ali e deixar as pessoas falarem de um jeito que elas sabem, mas que é clichê, ditos populares, que todos falam. Mas que não é algo estudado. E quando eu e minha colega da Pedagogia começamos a falar, a expor, e trazer referencial teórico, não só falar “ah, a gente acha isso”, não, é “segundo os autores, tal e tal o desenvolvimento da criança é assim [...]”. Aí eles começaram a perceber a Pedagogia dentro da CURES (CAMILA).

E de início eu pensava assim, 'eu não queria ir mais, eu queria trancar os estágios porque além de ser cansativo, estudar toda a semana e ter os horários quebrados no trabalho para estar aqui [na CURES] também. Eu estava cansada, no início porque na verdade é um semestre inteiro que a gente passa lá dentro enquanto que alguns cursos passam só alguns meses (MIRIAM).

O que eu noto muito é que os cursos que tem estágios obrigatórios na CURES, não querem estar ali, e é difícil de trabalhar com eles. Eles têm que fazer o estágio para graduar, eles mesmos dizem. Qualquer coisa que fizermos, ideias que dermos, por eles, tanto faz, é tudo bom. Mas talvez se não fossem por eles, viraria o caos, uma briga entre teorias e melhores métodos (EMÍLIA).

Essa é uma grande crítica, que foi ouvida durante a prática da pesquisadora na CURES, como também nos encontros do Grupo Focal. A respeito do tempo que os cursos permanecem realizando estágios na CURES, cada curso tem sua própria carga horária, assim como a pedagogia organiza os estágios para permanecer na CURES por 120 horas (totalizando um semestre), alguns cursos permanecem por meio semestre, e outros por um ano inteiro. Percebe-se o quanto isso vem incomodando alguns estagiários da CURES, porém, acredito que cada curso por meio da sua proposta pedagógica tenha motivos e objetivos pelos quais levam os acadêmicos a atuarem neste espaço.

Um ponto discutido, pelas alunas convidadas a participar da pesquisa, é sobre a questão do período do curso em que se realizam as práticas na CURES. Para a Pedagogia não é determinado o semestre em que os alunos precisam estar cursando para realizar as práticas na CURES, porém, é necessário que as disciplinas pré-requisitos das Práticas Pedagógicas que serão realizadas, tenham sido cumpridas. Isso, de certa forma, já indica que as alunas não podem realizar esses estágios na CURES, nos primeiros semestres da graduação. Porém, ao contrário disso, há cursos que fazem suas inserções na CURES, em dois momentos, um inicialmente nos

primeiros semestres da graduação e ao final da graduação, porém, isso também é questão de organização curricular de cada curso.

A gente percebe nessas reuniões de equipe e de turno, principalmente, a falta de conteúdo teórico. Porque pelo menos, para mim, o meu conteúdo teórico me fez pensar a práticas e as situações com os usuários. E é possível perceber nesses momentos em grupos, em que todos precisam expor suas ideias, essa falta de conteúdo teórico. Há essa necessidade de bagagem teórica. E, isso que os alunos tem a dizer, que eu considero conteúdo teórico, isso eu também via como legal, porque cada curso tem a sua teoria e todos eles podem se ajudar. Por exemplo, eu estava pensando em uma criança que toma certo medicamento, aí eu vou conversar com o pessoal da farmácia, e elas podem me falar e pensarmos juntos nos efeitos do medicamento para essa criança, se influencia na vida, nos atendimentos, na escola, enfim, isso era compartilhar conhecimentos e também era trabalho em equipe (EMÍLIA).

Cada curso tem uma bagagem teórica diferente, e essa bagagem é muito importante. Porque os atendimentos, não são simplesmente atender por nada. Para cada atendimento era preciso ter um objetivo, um referencial, ideias que não sejam apenas suposições minhas (TALIA).

Pensando no aspecto do trabalho em equipe há sempre muitas críticas, aspectos negativos e positivos, porém, também muitas aprendizagens. Desta forma, as participantes narraram muitas situações com relação ao trabalho em equipe e a interdisciplinaridade. Além disso, a aluna Joana narrou anteriormente uma experiência com relação ao planejamento, mas que a fez pensar, sobremaneira, no trabalho em equipe. As outras alunas participantes também possuem narrativas com relação a esses aspectos:

Eu atendia dois usuários, e com cada usuário eu tinha uma equipe diferente (na verdade, atender mesmo, com sequencia apenas um, porque o outro faltava muito aos atendimentos). E em um deles era eu e mais uma colega de outro curso, e era muito complicado, nossas ideias não se fechavam e a gente conversava com a supervisora da pedagogia, e quando ela concordava com minhas ideias, a outra colega ficava brava, saía falando pelos corredores que não sabia o que a pedagogia estava fazendo na CURES. No outro era eu e dois colegas de outro curso, e as coisas funcionavam, as ideias se fechavam. Eu não sei nem explicar a diferença que eu senti entre esses dois tipos de atendimentos que experienciei lá (TALIA).

Porém, eu vejo o trabalho em equipe como algo que pode ser muito bom, muito potencializador para um ambiente como a CURES. Por mais que tenham acontecidos fatos negativos, eu vejo que eu comecei a agir de modo diferente, comecei a ouvir mais o que os outros tinham a dizer, comecei a pensar que eu tinha que falar o que eu pensava. Eu tinha que contribuir porque eu era estudante assim como os outros também eram estudantes, realizando estágio dentro da CURES. Para mim, o trabalho em equipe aconteceu em momentos de compartilhar, de pensar junto os atendimentos e a própria Rede, que, na maioria das vezes não foram momentos fáceis (JOANA).

Eu tive muita frustração, com relação a interdisciplinaridade e trabalho em equipe, porque antes mesmo de ir para CURES já falávamos muito, em aula, com colegas, e mesmo nas orientações os professores também falavam muito dessas questões muito importantes para o trabalho na CURES. E quando eu estava realizando minha prática não foi bem assim. Nos momentos que era para fazer os planejamentos e as evoluções nos prontuários dos usuários, minha colega de equipe sumia. Ai a gente fazia isso no nosso turno, correndo, fazer por fazer [...] (MIRIAM).

Eu tive uma coisa muito boa em uma equipe, que foi fazer uma nova amizade, com alguém de outro curso. A gente criou um vínculo tão grande, e a gente pensava junto, as ideias se complementavam, se ajudavam [...] a gente até saía junto após a CURES e, por fim, estávamos fora desse espaço, mas pensando no nosso atendimento. Eu acho que eu cresci muito com essa pessoa. E eu acho que no geral, foram muito positivos esses momentos de compartilhar com pessoas diferentes do nosso curso que é a Pedagogia. Porque a gente convive tanto com pessoas da Pedagogia, mas também é bom conviver com pessoas de outros cursos para conversar, problematizar, pensar as coisas (JOANA).

Houveram tantos momentos ruins, lembro de tantas coisas negativas [...] Mas tivemos momentos tão bons, por exemplo, até momentos em que íamos para a cozinha fazer nosso lanche, e aí conversávamos sobre nossos atendimentos, sobre coisas que aconteceram, o que poderia ser feito... E com outros estagiários, de vários cursos, uma simples conversa se tornava algo tão grande, tão significativo e aí eu pensava que era por isso que eu vinha para a CURES (JOANA).

Penso no porquê de se falar tanto em trabalho em equipe e de interdisciplinaridade na CURES. Penso tanto sobre ser a melhor forma de atendimento para quem está frequentando este espaço. Penso enfim, que é uma forma de proporcionar melhores cuidados aos usuários. Diferentes estudantes, (áreas) pensando juntos, podem ter ideias incríveis. O problema é que isso não acontece da melhor maneira. Nem todas as pessoas que fazem suas práticas de estágio tem mentalidade para estar ali. Não é um julgamento, pois eu não posso afirmar que quando fiz minhas práticas eu tinha mentalidade para estar ali. E vejo nisso a importância da CURES para a formação de profissionais da Saúde e da Educação. Aprender a trabalhar em equipe. Aprender sobre a importância da interdisciplinaridade. Perceber que diferentes olhares sobre um sujeito, podem levar a diferentes formas de pensar. E os conflitos... bom, os conflitos são normais. E são os conflitos que movimentam, que fazem pensar, que fazem evoluir.

Essa articulação entre diversos serviços se torna essencial para fazer funcionar a rede de cuidados. É possível constatar, ainda atualmente, que há pouca

interação entre a rede de Saúde e de Educação. Mas essa interação é essencial, pois “na construção de uma rede de cuidados, esta articulação é fundamental para garantir que as necessidades dos usuários e dos sistemas locais de saúde sejam contempladas” (SALDANHA et al, 2014, p. 1058). Desta forma, podemos perceber a importância de todos os serviços que fazem parte e se integram nesse sistema de cuidado, a qual a CURES é parte.

Primeiro que a gente não tem muita ideia do que é a rede, e sobre isso a gente aprende muito na CURES, sobre como acionar os órgãos, como o Conselho Tutelar e sobre denúncias anônimas também. E eu vi muito disso, a CURES fortaleceu muito isso em um sentido, mesmo para minha atuação escolar, não importa se eu estou ou não na gestão, mas eu preciso ir atrás, em busca de solução, até alguém dar jeito, e se isso não adiantar, eu faço uma denúncia anônima. E eu vi muito isso em uma situação que tive recentemente em uma escola que trabalhei. (EMÍLIA).

E ao mesmo tempo, esse conhecimento da rede é tão interessante. Essa ligação entre os serviços, esse trabalho conjunto, é para o bem das pessoas. Eu não tinha noção nenhuma de que o CAPS¹², o CREAS¹³, a ESF¹⁴, a UBS¹⁵, trabalham tudo em conjunto” (JOANA).

Durante as práticas na CURES há muito estudo e discussões com relação aos tipos de abusos e violências, no que tangem a suspeita, denúncia, tratamentos e atendimentos. Desta forma, podemos dizer que nunca estamos preparados para lidar com esse tipo de situação quando aparece, porém, devemos ter conhecimentos para saber a quem recorrer nesse momento. E nesse sentido, a CURES proporciona muitas aprendizagens aos estagiários.

Essa relação entre cuidado, manutenção dos direitos e atenção aos sujeitos, é parte importantíssima na educação e nas escolas. As crianças e os adolescentes passam tanto tempo de suas vidas na escola, e são os professores que estão em contato com elas diariamente. Esses professores que devem estar atentos a muitas questões que atravessam por essas vidas que estão em jogo. Se há suspeitas de algo, o professor deve denunciar. Investigar não é o nosso papel

¹² Centro de Atenção Psicossocial.

¹³ Centro de Referência Especializado de Assistência Social.

¹⁴ Estratégia Saúde da Família.

¹⁵ Unidade Básica de Saúde.

enquanto professores, porém, denunciar é. Mas o professor também deve saber para onde ir, a quem recorrer, como denunciar. O mesmo acontece com questões sociais, psicológicas, médicas. É preciso encaminhar os alunos para que recebam tratamentos, busquem auxílio para investigar e trabalhar seus problemas. E nesse sentido, entra essa importância da união entre a Rede de Saúde e a Rede de Educação, como forma de garantir os direitos das crianças e dos adolescentes.

Agora me peguei pensando nesse trabalho em rede. E em como nós tínhamos autonomia para realizar as coisas na CURES. Nós mesmos entrávamos em contato com os outros serviços, ou mesmo com as escolas. Ali foi possível perceber o quanto somos independentes, eu pensei exatamente isso “nossa eu sou um ser independente”. O que não é possível fazer em outros momentos, e ali eles dão essa oportunidade de resolver as coisas sozinhos. Claro, tem o acompanhamento do supervisor, porém, a gente tinha a autonomia de decidir e de fazer os contatos. A gente precisa fazer todo o estudo, todo o planejamento, para organizar o que precisávamos fazer. E a gente pode levar isso para o espaço escolar. Porque pensando, se a gente assume a gestão de uma escola, a gente teria que fazer tudo isso sozinha, se a gente tem uma turma, temos que ter toda a responsabilidade por ela (JOANA).

A participante Joana pensa nessa responsabilidade e autonomia como uma aprendizagem voltada às suas práticas pedagógicas em um espaço escolar. Mas pensando nesse aspecto, podemos levar para toda nossa vida. Durante nossa formação acadêmica, temos noção de que temos que estudar por nós mesmos, e o educador é um apoio para que as aprendizagens ocorram, porque não existe como ele nos passar todos os seus conhecimentos. Na verdade, nós como estudantes, temos que buscar também teorias e práticas em que nós acreditamos. Temos que ser responsáveis por nós mesmos e não deixar tudo nas mãos dos outros. Mas, ao mesmo tempo, em muitos aspectos, os outros acabam resolvendo as coisas por nós, sejam professores ou coordenação de curso, o que não é exatamente ruim, pois evita alguns transtornos, mas pode também estar impedindo um aprendizado. E na CURES foi possível perceber como foi nos dada essa autonomia para pensar, nos organizar, estudar e também resolver o que precisa ser resolvido.

Em muitos aspectos, é possível dizer que a CURES nos mostra como resolver as situações problemas por nós mesmas, pois nem sempre vamos ter

alguém para nos ajudar ou fazer por nós, sejam elas situações do próprio espaço da clínica-escola, ou de outros momentos da vida. Seja estudar, seja fazer ligações importantes, seja entrar em contato com outros serviços ou órgãos, seja na busca por um trabalho, seja nos problemas que surgem ao longo de nossa vida, seja em viagens que vamos organizar... enfim, sabemos todos nós que precisamos nos empenhar para as situações e bom, resolver as coisas. E na CURES, há uma confiança bem grande com os estagiários nesse sentido. Somos autônomos (porém, em equipes) para decidir e fazer as coisas. Nem sempre as coisas darão certo e precisamos aprender a lidar com isso, por mais difícil que seja. E pensando nesse aspecto da autonomia da CURES, há autonomia até certo ponto, pois precisamos utilizar essa autonomia com muita responsabilidade, pois trabalhamos com pessoas e também há supervisores para dar apoio ao necessário. Desta forma, não realizamos tudo de forma individual, mas sim possuímos autonomia e espaço para realizar as coisas de acordo com o correto, e também, supervisionados por docentes.

Eu estava pensando também, no foco no usuário. Na CURES, eu estou ali para aprender também, porém, o foco é o usuário. Eu não estou ali para testar minhas ideias, eu estou trabalhando com seres humanos e o foco do atendimento são esses seres humanos. Eu posso ter minhas ideias, levar minhas ideias e teorias, porém o foco é essa pessoa que estamos atendendo, de deixar esse espaço aberto a ela (EMÍLIA).

Todas as pessoas que frequentam a CURES estão em busca de algo. Cada usuário em atendimento é um caso completamente diferente e que exige um estudo e maneiras de propor os atendimentos de formas específicas. E os estagiários que os atendem, precisam estar atentos. E por isso, que a participante fala em “deixar esse espaço aberto a ela”, uma vez que o atendimento é um espaço para a pessoa, para o usuário que está frequentando este local, para ele ser ouvido, ser visto, ser compreendido. E através dessa escuta e do olhar sensível, livre de ideias pré-definidas, de julgamentos ou convicções já fechadas, é que é possível proporcionar um atendimento que tenha como foco o usuário.

E como falamos tanto, em nossas orientações acadêmicas, ao longo das práticas na CURES sobre essa atenção ao usuário. Sobre a escuta sensível.

Sobre o olhar atento. Isso é muito mais do que simplesmente ouvir o que o usuário tem a me dizer. Na verdade, é perceber o que não foi dito. O que ficou implícito. As pausas. Os olhares. Perceber os gestos. Os aspectos físicos. Fisgar os detalhes. Perceber tudo que normalmente não é visto e não é ouvido. Porque estamos muito mais acostumados a escutar o que o outro tem a dizer, já pensando na resposta, ou mesmo, ouvir e ir anotando em um papel, que acabamos nem prestando atenção no que é falado.

Sobretudo, no espaço da CURES, o estagiário do Curso de Pedagogia pode atender qualquer pessoa de qualquer faixa etária. E o foco nesses atendimentos é proporcionar um momento humanizado, livre de cobranças, correrias ou pressões, para o usuário. Muito diferente do espaço escolar, tão estudado pelo curso de Pedagogia e já conhecido pela maioria das estudantes em estágios não obrigatórios. E pode ser tão potente pensar no porquê de a Pedagogia atuar em um espaço que foi inicialmente pensado para a área da Saúde.

É que o nosso curso, a Pedagogia, tem um currículo bem aberto, para várias experimentações, porém a gente ainda não tem no currículo de Pedagogia, por mais diversificado e aberto que ele seja, não temos ainda possibilidades profissionais, experimentações profissionais. A gente tem experimentações pedagógicas em diferentes níveis, nas diferentes artes, linguagens, enfim, há um leque de possibilidades nesse âmbito. E que bom que temos isso! Mas uma diversidade de experimentações profissionais, não temos. A Pedagogia e os pedagogos ainda são dogmatizados. As experimentações diversas que ainda temos acabam que se dogmatizando em uma única possibilidade de ser professor, de ser docente. E aí, quando vamos para a CURES, nos frustramos, porque lá nós não vamos para ser professor, para ensinar. Nós, no curso de Pedagogia não somos abertos as experiências profissionais contemporâneas, porque a gente pensa a arte, pensa aprendizagem, pensa cuidado, pensa tudo em cima da docência. E viver a CURES, não é ser professor. E a gente tem essa experiência de curso, que não é obrigatória, mas que faz pensar muito nessa vivência de curso. Porque não adianta só uma disciplina para dizer que a Pedagogia pode atuar em espaço não escolar. Isso não adianta sempre, a própria experiência é que diz muito mais (EMÍLIA).

Algumas pistas sobre a importância da Pedagogia na CURES já foram dadas ao longo deste trabalho. Mas, ainda sim, é interessante pensar nessa ideia, porque não é algo raso, superficial. Pensar na importância da Pedagogia nesse ambiente vai muito além de apenas dizer que é importante, que é preciso, que é

interessante, que o pedagogo vai ensinar, de que o pedagogo pode ensinar em qualquer espaço. É preciso fugir dos sentidos comuns e dos clichês. É preciso pensar nas particularidades e se aprofundar nas ideias.

Pensar a criança, o adolescente e o adulto, para além de pessoas com laudos médicos. Pensar nos problemas, sejam de saúde ou aprendizagem, para além do que já foi dito. Buscar uma nova possibilidade de contribuir na vida dos sujeitos que são atendidos. Problematizar o que já vem sendo feito. A palavra problematizar é algo que define muito a Pedagogia na CURES. É preciso problematizar, pensar nos atendimentos e nos usuários com outros olhares, diferentes dos olhares de sempre, dos olhares muito técnicos e que esquecem do sujeito por trás de uma prescrição, de um laudo, de um relatório, de um documento.

Eu acho importante a Pedagogia na CURES. Por que a gente sustenta, um pouco na CURES, a ideia de que a criança é criança, que ela está sempre em transformação, que ela é de um jeito hoje e que amanhã ela pode estar de outro jeito. Por que calma né, ela é só uma criança, não podemos já dogmatizar ela (EMÍLIA).

Eu acho que a CURES poderia até ser obrigatória para a Pedagogia. Porque na CURES a gente passa por tanta coisa, tantas vivências que, às vezes, não chegamos nem perto, em disciplinas do curso. A gente sai modificado da CURES, vendo coisas de outras formas, com diferentes olhares, sentidos e experiências (MIRIAM).

Esse olhar atento para com os sujeitos precisamos muito ter na CURES. As pessoas estão sempre em transformação. As crianças e os adolescentes, mais ainda. Respeitar cada fase e mudanças na vida das pessoas que estão frequentando os atendimentos é muito importante. Saber que na próxima semana, no encontro seguinte, suas ideias podem ter mudado, suas habilidades podem ter se desenvolvido, enfim, muitos aspectos subjetivos estão envolvidos. E por isso, há a necessidade de respeitar cada sujeito em sua integralidade, buscando formas de auxiliá-lo, porém, deixando de lado julgamentos e pré-conceitos.

Desta forma, há muito a ser pensado sobre a CURES, desde sua importância para a formação acadêmica de alunos da Pedagogia, assim como para estudantes dos cursos da Área da Saúde. Mas, sobretudo, é interessante pensar na relevância dos atendimentos proporcionados por essa Clínica-escola, para a comunidade. A proposta deste espaço é levar para os cursos uma concepção de atendimento voltada

ao contato com o Sistema Único de Saúde, mas buscando uma forma diferenciada de atendimentos. De acordo com Saldanha (2013), há necessidade de uma reformulação no atendimento às pessoas, pela área da Saúde, buscando uma integralização dos serviços e proporcionando um atendimento humanizado, problematizando e inovando as práticas de cuidado já existentes. E essa é a proposta da CURES, desta forma, com a união de diversos cursos da Saúde, juntamente com a Pedagogia, de repensar práticas de atendimento e cuidado com os usuários que necessitam destes atendimentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências vão constituindo os sujeitos e suas próprias ideias. E refletindo sobre esse aspecto, retoma-se o que deu início a este estudo, lembrando as práticas que foram realizadas pela pesquisadora no espaço da CURES, as quais afetaram a mesma. De forma que a clínica-escola continuou a fazer parte do seu interesse, e que não poderia simplesmente deixá-las cair no esquecimento, sendo essencial dar continuidade a fala sobre as experiências – experiências estas que são as afetações, os tremores, os sustos que temos em nossas vidas, possuindo a necessidade de pensar em como transformar as experiências em algo possível de ser dito.

Com este estudo, teve-se como objetivo o acesso às experiências narradas das alunas do Curso de Pedagogia que realizaram suas práticas no espaço da CURES. Desta forma, ao longo desse trabalho, foi sendo elencado narrativas das alunas e recriadas, também, as narrativas da pesquisadora, de modo que as mesmas se referem a muitos aspectos presentes ao longo das práticas no local. Desta forma, as narrativas descritas trazem presentes muitos pontos que se entrelaçam durante as práticas pedagógicas das alunas nas CURES.

Um desses aspectos pensados foi sobre a visão que as outras áreas têm da Pedagogia, e da necessidade dos estudantes e Pedagogos se afirmarem e defenderem sua profissão, pois a Pedagogia ainda não é totalmente reconhecida e valorizada. Além disso, a Pedagogia da Univates, ao possibilitar práticas na CURES faz pensar muito sobre a atuação do Pedagogo em espaços não escolares, uma possibilidade que, por vezes, acaba passando despercebida.

O profissional pedagogo é habilitado a atuar em diversos espaços pela abrangência de estudos ao longo da formação acadêmica. Na CURES, a Pedagogia

tem participado dos atendimentos aos usuários com enfoque ao cuidado, ao olhar humanizado e nas questões pedagógicas. Além disso, foi importante com essa pesquisa, perceber o quanto o curso de Pedagogia vem se afirmando dentro da CURES, bem como na produção de conhecimentos, que são de valia para todos os cursos. Sobretudo, na CURES há também muitas trocas de saberes, entre diferentes cursos, supervisores e pessoas atendidas.

Neste sentido, é de suma importância, refletir sobre o trabalho em equipe na CURES, de como ele é pensado para este espaço, uma vez que o trabalho em equipe é um tema muito complexo e que gera muitas discussões na CURES. Com este trabalho foi possível perceber que há muito a ser dito sobre o trabalho em equipe e, também, sobre a interdisciplinaridade, pois ao longo das práticas na clínica-escola, acontecem muitos momentos em equipes. Assim, percebeu-se através das narrativas das participantes que ocorreram muitos momentos em equipe, os quais se tornaram potentes por tudo que eles possibilitam, entre o compartilhar ideias e a problematização de saberes, possibilitando a busca por melhores atendimentos. Mas que, também, ocorrem momentos em equipes que são conflitantes, permeados por discussões que, por vezes, são cansativas para quem participa. Porém, todos esses momentos podem ser produtivos de alguma forma, pois levam os participantes a pensarem, questionarem e serem críticos quanto aos estudos e práticas realizadas no espaço.

Inicialmente, mesmo antes da realização da pesquisa propriamente dita, já se ouvia narrativas sobre a CURES, sobre a sua importância para a formação acadêmica e para a vida. Logo, foi possível com este trabalho reafirmar a importância da CURES na vida das acadêmicas de Pedagogia que realizaram práticas no local, justamente por tudo que se desenvolve, se pensa, problematiza, se estuda e se discute, na clínica-escola.

Após a realização deste trabalho, por fim, desejo que este possa ser uma maneira de contribuir com os acadêmicos e os professores do Curso de Pedagogia da Univates. Que seja fonte de pesquisa para pessoas interessadas em pesquisar a clínica-escola. Esperamos que essa pesquisa tenha conseguido fazer refletir sobre diversos aspectos que perpassam a formação docente do curso de Pedagogia da Univates no que tange as práticas pedagógicas desenvolvidas no espaço da CURES,

e que, através dele, possamos lançar outros olhares para as experiências docentes produzidas neste espaço.

REFERÊNCIAS

BARBOUR, Rosaline; DUARTE, Marcelo Figueiredo. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: As Infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Obras Escolhidas: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 197-221. Disponível em: <<https://pglel.files.wordpress.com/2016/01/o-narrador.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2018.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: _____. Charles Baudelaire. **Um lírico no auge do capitalismo**. [Obras Escolhidas III]. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 103-149.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Pedagogia**. Parecer CNE/CP nº 3/2006, homologação publicada no DOU 11/04/2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp003_06.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2018.

CASTRO, Sandra de Pádua. O imaginário na construção da realidade e do texto ficcional. **Línguas & Letras**, [S.l.], p. p. 107-115, jul. 2008. ISSN 1981-4755. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1309>>. Acesso em: 13 set. 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault, Clarice**: as palavras, as coisas, a experiência. *Cadernos de Educação (UFPel)*, v. 54, p.4-22, 2016;

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação, política pública, educação**. Rio de Janeiro.v.14, n.50, jan./mar. 2006, p.27-38.

GOMES, Alberto Albuquerque. **Apontamentos sobre a pesquisa em educação**: usos e possibilidades do grupo focal. *EccoS – Revista Científica*, São Paulo, v. 7, n.

2, p. 275-290, jul./dez. 2005. Disponível em:
<<http://www.redalyc.org/html/715/71570203/>> Acesso em: 2 de abr. 2017.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LEARY, Timothy O. Foucault, experience, literature. Tradução de João Rodolfo Munhoz Ohara. **Antíteses**, Londrina, v. 5, n. 10, p. 875-896, jul/dez. 2012. Disponível em:
<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/12097>>. Acesso em 13 set 2018.

MUYLAERT, Camila Junqueira. et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Rev. esc. enferm.** USP, São Paulo, v. 48, n. spe2, p. 184-189, Dez. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf>. Acesso em: 17 abr 2018.

ROSA, Maria Inês Petrucci; RAMOS, Tacita Ansanello; CORRÊA, Bianca Rodrigues; ALMEIDA, Admir Soares de Jr. Narrativas e mônadas: potencialidades para uma outra compreensão de currículo. **Currículo sem fronteiras**, v. 11, n. 1, p. 198-217, jan./jun. 2011. Disponível em: <
<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol11iss1articles/rosa-ramos-correa-junior.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2018.

SALDANHA, Olinda Maria de Fátima Lechmann. **Clínica-escola**: discussão e desafios na educação superior na saúde. 2012, 156f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SALDANHA, Olinda Maria de Fátima Lechmann. et al. Clínica-escola: apoio institucional inovador às práticas de gestão e atenção na saúde como parte da integração ensino-serviço. **Interface** (Botucatu. Online), v. 18, p. 1053-1062, 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/icse/v18s1/1807-576-icse-1807-576220130446.pdf>. Acesso em: 20 out. 2018.

TRAD, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312009000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 abr. 2018.

UNIVERSIDADE DO VALE DO TAQUARI. **Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (Cures)**. Disponível em: <
<https://www.univates.br/centroclinico/cures> >. Acesso em: 16 abr. 2018.

ZANOTELLI, Alissara. **Ex-pôr-se à experiência: colecionar e narrar em meio à formação docente**. Lajeado: Univates, 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado acadêmico) - Programa de Pós-graduação em Ensino, Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2018.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada “Narrativas e experiências: pedagogia na CURES”, desenvolvida pela aluna Daiana Hansel, do Curso de Pedagogia da Universidade do Vale do Taquari - Univates, sob orientação da Professora Dra. Fabiane Olegário. Esta pesquisa tem como objetivo a criação de narrativas a partir das experiências narradas por alunas, diplomadas ou em curso, que realizaram práticas pedagógicas do curso de Pedagogia, na Clínica Universitária Regional de Educação e Saúde (CURES).

Para a realização da pesquisa serão realizados três encontros coletivos que serão gravados, se assim você permitir. Os encontros terão duração aproximada de 45 minutos.

Desta forma, assumo com você os seguintes compromissos:

1. De que sua identidade, assim como as identidades de todas (os) as(os) participantes serão mantidas em sigilo; de que nenhuma pessoa será identificada e que se manterá o anonimato, das(os) participantes, em quaisquer momentos que impliquem a divulgação dessa pesquisa.
2. De que as informações reunidas serão usadas, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar.
3. De que os resultados lhe serão apresentados, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização das pessoas envolvidas.
4. Do caráter voluntário de seu consentimento. Caso você tenha interesse em desistir da participação na pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase do grupo focal, sem penalização alguma.
5. Da garantia de que você pode receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, por meio de e-mail da pesquisadora: daiana.hansel@universo.univates.br ou pelo telefone (51) 98355349 e pelo e-mail da professora orientadora: fabiole@univates.br.

6. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, você estará contribuindo para a produção de conhecimento científico.

7. Este Termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

Portanto, na condição de Participante (a), concordo com a gravação dos encontros que serão realizados e autorizo a utilização das narrativas para realização da pesquisa. Estou ciente de que esse tipo de pesquisa exige uma apresentação de resultados, por isso autorizo a divulgação para fins exclusivos de publicação, divulgação científica e para atividades formativas de educadores. Assim como, consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento.

Lajeado, _____ de 2018.

Nome do Participante:

Assinatura do Participante

Nome da Pesquisadora:

Assinatura da Pesquisadora

Nome da Professora Orientadora:

Assinatura da Professora Orientadora